

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA GABRIELLA BARROS DE LIMA



**O CUIDAR DA SAÚDE: DIFERENÇAS ATITUDINAIS DOS (AS)
DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA**

BLUMENAU
2016

ANA GABRIELLA BARROS DE LIMA

O CUIDAR DA SAÚDE: DIFERENÇAS ATITUDINAIS DOS (AS) DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: José Francisco Gontan Albiero

BLUMENAU
2016

O CUIDAR DA SAÚDE: DIFERENÇAS ATITUDINAIS DOS(AS) DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Ana Gabriella Barros de Lima ; José Francisco Gontan Albiero

¹ Psicóloga pela Universidade Estadual da Paraíba. Psicóloga Escolar no Instituto Federal Catarinense – Campus Rio do Sul; E-mail: agblimapsi@hotmail.com

² Docente da Universidade Regional de Blumenau. Mestre em Educação. Doutorando em Saúde Coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina. Email: chicoalbiero@gmail.com

Resumo: O cuidar da saúde configura-se como um ato mais feminino do que masculino. Isso decorre do contexto histórico, social e culturalmente construído ao longo do tempo. Dentre os muitos fatores que se associam a debilidade e a necessidade de cuidar da saúde, estão as atividades laborais. Os docentes, por exemplo, são alvos recorrentes de doenças físicas e mentais, o que torna afastamentos e desistências da função algo frequente. Esse estudo de caráter empírico, de abordagem quanti-qualitativa, buscou identificar os fatores que influenciam o cuidado com a saúde e a busca dos(as) docentes aos serviços de saúde. Os instrumentos para coleta de dados foram questionário e entrevista semi-estruturada. A amostra foi composta por 10 docentes de uma Escola Pública Federal de Santa Catarina. Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo. Constatou-se que o cuidar da saúde se deu a partir da prática de exercícios físicos, alimentação equilibrada e busca por profissionais de saúde, sobretudo quando apresentam alguma sintomatologia. As professoras demonstram uma maior conduta preventiva. Foram enfatizados problemas físicos e mentais decorrentes do exercício profissional.

Palavras-chave: cuidados com a saúde; docência; gênero; saúde

Abstract: The health care act is more womanly than masculine. This fact is result of the historic, social and cultural contexts, all them constructed over time. Work activities are associated with debility and the health care requirement. Teachers, for example, are recurrently stricken of physical and mental illness, which makes removals and dropouts of their functions, usual. This empirical study, has a quantitative and qualitative approach, that try to identify the factors that influence the health care quest and the demand for clinical services. The instruments for study were questionnaire and semi-structured interview. The experiment was realized with 10 teachers of Santa Catarina's Federal Public School. The assay method was content analysis. It was found that the health care came with physical exercise, dietary attention and search of health professionals, especially when the teachers feel that something is wrong. The female teachers demonstrate more preventive conduct. Also it was reported physical and mental problems outcome from the professional activities.

Keywords: health care; teaching; gender; health

INTRODUÇÃO

O cuidar da saúde configura-se como um ato mais feminino do que masculino. Isso se deve ao contexto histórico, social e cultural, construído por homens e mulheres, que associavam ao feminino à ideia de fragilidade, vulnerabilidade e inferioridade fossem elas de ordem física, intelectual, emocional e/ou social. Já os homens, que "desde os primórdios, apresentavam uma supremacia, percebendo-se como ser invulnerável, o qual foi ensinado a não chorar e a reprimir suas emoções, colocando a masculinidade como sinônimo de virilidade", passaram a ter um olhar diferenciado para aspectos relativos à saúde apenas nas últimas décadas. (CAVALCANTI *et al*, 2014)

Segundo dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, as mulheres eram maioria, representando um percentil de 51% da população brasileira. O Ministério da Saúde, através da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher afirma que, além de ser maioria, a população feminina é a que mais procura o Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2004). A busca se dá, sobretudo, com fins preventivos (Atenção Primária de Saúde – APS).

No tocante à população masculina, a ideia de invulnerabilidade reflete-se na busca pelos serviços de saúde apenas diante da constatação de uma doença pré-existente (a procura ocorre, principalmente, no nível de atenção terciário), e nos altos índices de morbimortalidade, representando um problema de saúde pública.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH (BRASIL, 2008), instituída em 2009, vem ganhando destaque e sendo assunto de interesse por parte daqueles que fazem as Políticas de Saúde Pública no Brasil. Após estudos que enfatizam as dificuldades da população masculina em buscar os serviços de saúde, principalmente os relativos ao aspecto preventivo, o tema ganhou visibilidade e passou a receber atenção especial e diferenciada.

Segundo o PNAISH, dois fatores estão vinculados à diminuída busca preventiva aos serviços de saúde: os socioculturais e os institucionais.

A compreensão das barreiras socioculturais e institucionais é importante para a proposição estratégica de medidas que venham a promover o acesso dos homens aos serviços de atenção primária, que deve ser a porta de entrada ao sistema de saúde, a fim de resguardar a prevenção e a promoção como eixos necessários e fundamentais de intervenção (BRASIL, 2008, p.6).

Dentre os muitos fatores que influenciam na debilidade da saúde, como aspectos biológicos, sociais (condutas de risco), encontram-se os decorrentes do desempenho das atividades laborais. O trabalho que para uns é sinônimo de prazer, pode para outros pode ser sinônimo de adoecimento, sofrimento (DEJOURS, 2011; FRANCO, 2011).

A categoria profissional docente, por exemplo, é alvo de doenças físicas e, como trazem muitos estudos, de doenças mentais. No exercício de suas funções, aspectos como o baixo reconhecimento, baixa remuneração, desinteresse e desrespeito dos alunos e colegas de profissão, além das diversas atribuições trazem inúmeras consequências à saúde deste público, tornando os afastamentos e desistências da função algo frequente (STOBÄUS,C., MOSQUERA, J., & SANTOS, B., 2007; BATISTA, 2015).

“O trabalho docente é marcado pela constituição de lutas que promovem mudanças importantes no cenário da educação, a partir da implementação e disseminação de novas ideias, que caracterizam uma roupagem diferenciada no ensino. Porém, o cenário educativo brasileiro ainda apresenta quadro deficitário no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores e às condições de trabalho, formação prática e profissional docente do ensino público” (MARIANO; MUNIZ, 2006).

Lançar um olhar voltado para tríade gênero, saúde e docência, passou a ser o foco desse trabalho. A análise de como professores e professoras tem cuidado da sua saúde é essencial para que na sua vida o aspecto qualitativo esteja presente.

A identificação dos fatores de risco oriundos da atuação profissional, e da forma como os(as) docentes estão buscando prevenir doenças e promover saúde é de extrema importância. A compreensão dos aspectos que influenciam a não busca, principalmente por parte da categoria masculina, aos serviços de APS, tende a estimular a apresentação de programas que venham contribuir no cuidado com a saúde, e diminuir/eliminar esse problema que já atingiu a ordem da saúde pública.

OBJETIVOS

Objetivos Geral

Esse trabalho teve como o objetivo geral, identificar os fatores que influenciam o cuidado com a saúde e a busca aos serviços de saúde pelos(as) docentes.

Objetivos Específicos

- Descrever quais os maiores impactos da atividade laboral na saúde dos(as) docentes, identificando quais as doenças ocupacionais que estão mais vulneráveis;
- Analisar se as questões de gênero influenciam na busca de tratamento e ações preventivas nos serviços de APS.

METODOLOGIA

Este trabalho configurou-se a partir de um estudo empírico, de caráter transversal, descritivo e analítico, com abordagem quanti-qualitativa (MINAYO; SANCHES, 1993). No tocante a pesquisa qualitativa, a escolha destas abordagens justificou-se para fins de se aprofundar no universo dos significados e dos fenômenos humanos, implicando uma partilha com os elementos constituintes dos objetos de pesquisa, tais quais, locais, pessoas e fatos (MINAYO, 1994; CHIZZOTTI, 2008; CRESWELL, 2010). Assim, a partir dessa abordagem procurou-se a existência ou não de problemas na saúde de professores e professoras decorrentes ou não da sua atuação profissional, se esse público cuida da saúde da mesma forma, e como o fazem.

No que compete à abordagem quantitativa, essa se define no estudo pela necessidade de quantificação e análise de alguns dados de forma objetiva e precisa (RICHARDSON, 1989 *apud* DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008; CRESWELL, 2010).

Para o alcance dos objetivos propostos, entre os meses de outubro e novembro de 2015, foram aplicados questionários sócio-demográficos e entrevista do tipo semi-estruturada, para docentes de uma escola pública da Rede Federal de Ensino de Santa Catarina. A amostra foi composta por 10 docentes.

Os objetivos do estudo, as condições para realização e de participação foram apresentados aos interessados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A análise dos dados qualitativos foi baseada na Análise de Conteúdo. Este é um tipo de análise das comunicações que visa garantir a imparcialidade objetiva, adotando normas sistemáticas para fins de serem extraídos os significados ou significantes lexicais por intermédio dos elementos de um texto, possibilitando a inferência de conhecimentos que sejam relativos aos elementos inferidos das mensagens (BARDIN, 1977; CHIZZOTTI, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes desse estudo atuam ministrando disciplinas para o ensino médio e técnico integrado ou subsequente, além do ensino superior. Todos possuem carga horária de trabalho semanal de 40 horas, com dedicação exclusiva.

No tocante ao perfil dos entrevistados, a faixa etária variou entre 29 e 51 anos, sendo o estado civil “casado(a)” predominante. Quanto a formação profissional, titulação acadêmica, área e tempo de atuação, identificou-se formações, atuações e titulações diversas, conforme tabela abaixo.

Tabela 1. Informações Gerais sobre os docentes

Entrevistado	Formação	Titulação	Área de atuação	Tipo de Ensino	Tempo de atuação
Entrevistado 1	Agronomia	Pós-Doutorado	Fruticultura	Técnico e Superior	30 anos
Entrevistado 2	História	Mestrado	História	Básico	26 anos
Entrevistado 3	Agronomia	Doutorado	Produção Vegetal	Superior	19 anos
Entrevistado 4	Letras	Doutorando	Português	Básico	28 anos
Entrevistado 5	Farmácia	Doutorado	Ciência dos Alimentos	Técnico	10 anos
Entrevistado 6	Agronomia	Doutoranda	Fruticultura	Técnico	2 anos
Entrevistado 7	Ciências Sociais	Doutorado	Agroecologia	Técnico	18 anos
Entrevistado 8	Agronomia	Doutorado	Produção Vegetal	Técnico	5 anos
Entrevistado 9	Medicina Veterinária	Mestrado	Zootecnia	Técnico	2 anos
Entrevistado 10	Geografia	Doutorado	Ciências Humanas	Básico	25 anos

Buscando identificar o que os(as) entrevistados(as) tem feito para cuidar da sua saúde, a maior parte destes associa esses cuidados a realização de atividades físicas, alimentação, realização de exames e busca por profissionais de saúde específicos ao gênero e idade (ginecologista e urologista).

“Me alimento normalmente, como muito vegetal, nada de carne gordurosa... e pratico esportes, jogo futebol, caminho... Mais acompanhamento médico. Faço exames todo ano, exames de sangue, todos exames relativos à minha idade, que são exames preventivos de próstata e exames rotineiros...frequência cardíaca, exames cardiológicos, eu realizo sempre, além de exames oftalmológicos” (Entrevistado 3).

“Anualmente eu vou a ginecologista, faço os exames que são recomendados... Eu procuro sempre fazer check-ups, esses check-ups condizentes com a idade” (Entrevistada 5).

Tomando a ideia do cuidar da saúde, Ballarin *et al* (2010) afirma que para o senso comum, esse cuidado se associa à perspectiva do indivíduo prestar atenção ou ser encaminhado para um determinado tratamento. Os autores comentam que, em um sentido mais amplo, o “cuidado”, vem ser sinônimo de vigilância contínua, zelo, diligência.

Apesar da conduta preventiva de alguns, a busca de alguns docentes, por serviços e profissionais da área de saúde se dá, na maior parte das vezes, quando sentem que algo não vai bem. Alguns mantem uma rotina de consultas e exames, após terem sentido algo ou por problemas de saúde decorrentes de histórico familiar.

“Na maioria dos casos quando você sente que algo não vai bem... Eu devia preventivamente buscar, fazer os exames pra ver como é que tá a questão de sangue, saúde e tal, mas na maioria dos casos é quando acontece alguma coisa” (Entrevistado 2).

“Geralmente, quando eu sinto que algo não vai bem... Mas, como te falei, cardiologista e urologista eu procuro todos os anos. Mesmo porque tenho histórico na família de problemas cardiológicos” (Entrevistado 4).

“É muito difícil eu ir em médico, se eu for é porque eu não tô bem” (Entrevistada 9).

Como aponta Figueiredo (2005), quando a busca por auxílio médico se dá mediante o surgimento de uma doença, isso acaba por inviabilizar as ações em saúde no âmbito da prevenção, propostos pelos serviços de APS.

A maioria dos(as) entrevistados(as) acreditam que o exercício docente tende a interferir diretamente na sua condição física e/ou mental. Um docente do ensino técnico atribuiu o problema de câncer de pele à sua atuação. Como trabalha por muito tempo em aulas práticas, com exposição direta ao sol, foi diagnosticado com esse problema, estando atualmente em tratamento. Uma outra entrevistada relatou a somatização do estresse decorrente, segundo ela, do ato de lecionar, que originou um processo de enxaqueca, antes inexistente.

Identificou-se de forma recorrente nos relatos, problemas relativos à voz, coluna e estresse. O desgaste da função de ser professor, e o impacto na saúde mental, pode ser percebido nos relatos abaixo:

“O ato de ser professor, o ato de professorar, essa ação de professor é bastante desgastante. Não só fisicamente, mas também psicologicamente porque você não tem como não se preocupar com o aluno, com o andamento da vida do aluno e isso interfere no teu emocional, nas tuas relações com os alunos, com a questão profissional, e mesmo com a questão familiar. Muitas vezes você acaba levando isso para outros ambiente, né?” (Entrevistado 4).

“Eu percebo que a minha saúde mental... Pensando na situação de estresse... Eu percebo que fico muito agitada, muito irritada, quando tem situações que não saem como a gente planeja... Agita meu sono, e acontece algumas respostas, algumas consequências em decorrência disso...” (Entrevistada 5).

O estresse é um problema bastante recorrente nessa categoria profissional. Reis *et al* (2006), comentam que o ato de ensinar é altamente estressante, acarretando interferências na saúde mental, física e no desempenho das atividades profissionais. O "não se desligar", levando as questões de sala de aula para fora dela, tendem a ter um impacto significativo na saúde mental desses profissionais.

Apesar da extrema importância do cuidado e atenção que se deve ter a saúde mental, e de terem sido identificados nos relatos dos(as) entrevistados(as) problemas dessa ordem, apenas uma docente relatou a busca por profissionais dessa área (psicólogo e psiquiatra, por exemplo). Fica claro que essa procura, quando se dá, em sua maioria ocorre quando os problemas são de ordem física. A busca por profissionais que lidam com a saúde mental, perpassa pela desconstrução das ideologias historicamente construídas acerca do estigma atribuído a doença mental e suas antigas formas de tratamento (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2003). Além do mais, apenas um professor relatou não ter associado nenhum problema de saúde ao seu exercício profissional.

Para a maioria dos entrevistados os impactos do ato de professorar tende a interferir na saúde, independente do gênero, da mesma forma. Para eles, isso dependerá da atividade que se realiza, da percepção que cada um tem de suas atribuições e vivências em sala de aula. Porém, algumas professoras acreditam que o gênero feminino pode estar mais vulnerável a problemas de saúde ocasionados pela atividade laboral, em decorrência da sua jornada de trabalho se estender fora

muros da escola, e até pela percepção da figura masculina passar mais "autoridade" em sala de aula, do que a feminina.

"As mulheres ficam mais frágeis nesse sentido. Eu percebo... que eu sofro um pouco de discriminação... Quando são homens, eles não tem problema nenhum, eles chegam, eu não sei se própria figura deles já impõe um pouco mais de respeito, que o pessoal [alunos] não incomodam, são super respeitosos... Eu odeio dar aula pra eles, porque eles não tem respeito nenhum" (Entrevistada E).

Como afirma Vianna (2001), a docência ao longo do século XX foi assumida como uma atividade eminentemente feminina. Segundo o EducaCenso (MEC, 2007), a educação básica no Brasil conta com 1.882,961 docentes, sendo destes 1.542,925 mulheres. No tocante ao Ensino Médio, temos 267.174 professoras e 147.381 professores. Apesar de serem maioria, discursos como o apresentado acima estão presentes, revelando a importância de se discutir cada vez mais nos ambientes públicos e privados questões relativas aos papéis de gênero na nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as respostas oriundas da coleta de dados foi possível observar que a análise das informações confirmam relatos de estudos anteriores no tocante aos problemas de saúde mais recorrentes entre os(as) docentes. Os diversos desafios do exercício se associam a situações que comprometem, em diferentes níveis, a saúde física e mental.

Além do mais, observou-se que os cuidados com a saúde se vinculam a realização de atividades físicas, alimentação equilibrada e busca por serviços ou profissionais da área de saúde por ocasião da idade (ocasionando a busca por especialistas da área médica), ou por histórico de problemas de saúde na família. Por essas razões, observou-se, que a conduta preventiva se deu em professores e professoras de forma semelhante.

Por outro lado constatou-se a busca mediante a existência de algum problema já instalado ou pela suspeita de uma doença. Tal constatação partiu da análise do discurso de alguns professores. O que ressalta a importância de se discutir ainda mais sobre políticas de saúde voltadas a esse gênero.

Apesar da ênfase dada a aspectos referentes ao desgaste mental, a busca por profissionais dessa área não foi tão evidenciada.

O acesso à informação e o conhecimento são apontados como fatores que influenciam nos cuidados com a saúde, ainda assim alguns discursos não se aplicam a prática dessa conduta.

Torna-se necessário trazer cada vez mais a tona essa discussão a fim de promover a conscientização da importância do cuidado com a saúde, para que os impactos decorrentes dessa, e de tantas outras atividades laborais, não culminem no processo de adoecimento de tantos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Railda *et al.* A saúde do homem na interface com a Psicologia da Saúde. In ALVES, RF., org. **Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 147-168.

AQUINO, E. M. L. de. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, 2006. Edição especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40nspe/30631.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

BALLARIN, M.L.G.S *et al.* Os diferentes sentidos do cuidado: considerações sobre a atenção em saúde mental. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2010, v. 34, n.4, p.444-450. Disponível em: <<http://observasmjc.uff.br/psm/uploads/SntidosdocuidadoemSaudeMental.pdf>> Acesso em: 13 nov 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, J.B.V *et al.* Síndrome de Burnout: confronto entre conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.16, n.3, p.429-435. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a10.pdf>> Acesso em: 28 jun 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf> Acesso em: 28 jun 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes**. Brasília, 2008. Disponível em:<<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>>. Acesso em: 28 jun 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Formação dos Professores**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores>>. Acesso em: 18 out 2015.

CAVALCANTI, J.R.D *et al.* Assistência Integral a Saúde do Homem: necessidades, obstáculos e estratégias de enfrentamento. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000400628&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso: 28 jun. 2015

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DEJOURS, C.;ABDOUCHELI, E.;JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

FRANCO, Tânia. Alienação do Trabalho: despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza. **Caderno CNH**, Salvador, v.24, n.1, p.171-191, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a12v24nspe1.pdf> Acesso em: 26 de set. 2015.

FIGUEIREDO, Wagner. Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a11v10n1>. Acesso em: 15 out 2015.

MARIANO, M.S.S.; MUNIZ, H.P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 6, n.1, 2006. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a07.pdf>. Acesso em: 27 set. 2015.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

REIS, E.J.F.B. dos *et al.* Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.**, Campinas, v.27, n.94, p. 229-253, jan/abril 2006.

RODRIGUES, C.R.;FIGUEIREDO, M.A. de C. Concepções sobre a doença mental em profissionais, usuários e seus familiares. **Estudos de Psicologia**, São Paulo,

v.8, p. 117-125, 2003. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v8n1/17241.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

STOBÄUS, C., MOSQUERA, J., & SANTOS, B. Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Revista Educação**, 2007, 30(n.especial), 259-272.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.17-18, 2002. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>> Acesso em: 20 de nov. 2015.